

# Roupas que ficam guardadas na memória: sobre as relações entre vestir, sentir, lembrar e narrar

CLARA CALAZANS ESPINDOLA

MESTRE EM SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA PELO PPGSA DA UFRJ, RIO DE JANEIRO - RJ

[HTTPS://ORCID.ORG/0009-0002-8006-6079](https://orcid.org/0009-0002-8006-6079)

[CLARA.CALAZANS.ESPINDOLA@GMAIL.COM](mailto:CLARA.CALAZANS.ESPINDOLA@GMAIL.COM)

## Introdução

Nesse artigo<sup>1</sup>, pretendo explorar a relação que desenvolvemos com nossas roupas, prestando atenção aos cruzamentos entre vestuário, narrativas pessoais e memória. A discussão baseia-se em uma pesquisa que realizei em 2020 (Espindola, 2021), cujo objetivo foi entender de que modo os jovens interpretam as mudanças nas formas como se vestiram ao longo de suas trajetórias, tentando identificar narrativas compartilhadas sobre os vínculos entre pessoas e roupas, e sobre o “vestir-se” em diferentes fases da vida.

Entrevistei 46 pessoas entre 20 e 29 anos, que podem ser localizadas em linhas gerais entre as classes médias urbanas e escolarizadas<sup>2</sup>. As entrevistas foram feitas através de mensagens de voz (“áudios”) no WhatsApp. Essa metodologia foi escolhida devido à impossibilidade de encontrar os sujeitos da pesquisa presencialmente durante a pandemia de covid-19. É interessante observar como os recur-

1 Agradeço à Faperj pelo financiamento que me permitiu elaborar esse artigo durante meu mestrado na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

2 A maioria dessas pessoas chegou até mim através de um convite que publiquei no Instagram, e outra parte é composta de pessoas que foram indicadas pelos primeiros entrevistados. Apesar de eu não ter relações íntimas com a maior parte dos participantes, a mediação do Instagram fez com que os entrevistados fossem majoritariamente pessoas que circularam (ou que tinham a possibilidade de circular) nos mesmos espaços que eu, em diferentes momentos. Dessa forma, trata-se de um grupo de pessoas relativamente próximas a mim no espaço social: 78% se identificaram como brancos, 69% estudaram em escola particular durante a vida inteira ou durante a maior parte da vida; todos são ou foram universitários; 60,9% são filhos de mães (ou figura parental 1) e 56,5% são filhos de pais (ou figura parental 2) que possuem pelo menos o diploma de Ensino Superior, e 41,3% dos entrevistados trabalha ou já trabalhou para buscar desenvolvimento profissional ou um dinheiro extra, mas não porque precisava, enquanto que 23,9% não trabalham. Estes dados foram produzidos através de um questionário online. Além disso, 27 participantes são mulheres, 18 são homens e 1 pessoa se identificou como não-binária. 29 são heterossexuais, enquanto 14 se identificaram a partir de outras orientações sexuais.

dos do WhatsApp influenciam a própria construção das narrativas. Existem regras de etiqueta não-verbalizadas que regulam o uso desse aplicativo: por exemplo, é aceitável demorar minutos ou horas para responder uma mensagem, o que faz com que as respostas sejam objeto de uma reflexão prévia bem maior do que em uma conversa ao vivo. O uso dos áudios faz com que a resposta seja construída na forma de uma narrativa mais fechada do que durante uma conversa, uma vez que não há possibilidade de interrupção por parte da entrevistadora, que permanece como uma plateia invisível. A utilização dos áudios também possibilita formas específicas de organizar o relato: por exemplo, usar um áudio diferente para falar sobre cada tema ou período de vida.

São tantas as diferenças entre uma entrevista ao vivo e a interação através dos áudios, que podemos nos perguntar se realmente faz sentido chamar essa forma de produção de dados de “entrevista”. Fica claro que uma entrevista realizada por mensagens de voz é mais do que uma conversa um pouco diferente; é um tipo de comunicação realmente particular. Porém, recorro ao termo “entrevista” já que a interação com os sujeitos de pesquisa compartilha características importantes com a situação de entrevista de forma geral, uma vez que os sujeitos são chamados a produzir um relato em interação com as perguntas e a presença (virtual) da pesquisadora. A metodologia utilizada nesta pesquisa é discutida mais a fundo em dois textos já publicados (Espindola, 2023; Espindola & Bergamo, 2023).

Todas as entrevistas tiveram início com a questão: “você poderia me contar sobre as formas como você se vestiu e se veste, no passado e no presente?”. As respostas tomaram espontaneamente a forma de narrativas de vida organizadas a partir da temática das roupas. Cabe lembrar que, quando alguém fala sobre sua vida, esse relato não é uma reprodução “objetiva” do que viveu, mas um enredo construído *a posteriori* (Rosenthal, 2014): do ponto de vista do presente, interpretamos as experiências vividas e buscamos atribuir sentido e coerência à nossa trajetória, transformando-a em um percurso linear (Bourdieu, 2008 [1986]). Esse trabalho seletivo e produtivo realizado pela memória é essencial ao senso de identidade, uma vez que torna possível o sentimento de coerência e continuidade da pessoa na reconstrução de sua trajetória (Pollak, 1992).

Fazendo referência a Gabriele Rosenthal (2014), proponho entender essas narrativas de vida organizadas a partir do tema do vestuário como um enredo onde a roupa é o “tema”: aquilo de que se ocupa o narrador de maneira mais imediata, e que está no centro de sua atenção. A cada momento da narrativa, esse tema encontra-se ligado a um “campo temático”, ou seja, um conjunto de circunstâncias e relações que são vivenciadas pelo narrador como estando conectadas materialmente com o tema. “Narrar as relações com as roupas ao longo da vida é construir um enredo onde as roupas estão conectadas a cada momento com circunstâncias, sentimentos, problemáticas e experiências diferentes” (Espindola, 2021: 19) – ou seja, um campo temático específico, e o que busquei investigar por meio dessa pesquisa foi justamente isso: “quando as pessoas estão falando sobre suas relações com as roupas ao longo da vida, elas estão falando sobre o quê?” (Idem, p.20).

Alexandre Bergamo (2009: 72), realizando um diálogo entre moda e história, diz que boa parte das pesquisas se constroem com base no esquecimento das relações rotineiras que desenvolvemos com nossas roupas e seus significados. E isso porque o que geralmente se analisa é a relação das pessoas com a Moda, e não as relações entre as pessoas e as pequenas coisas do cotidiano, como o ato de vestir-se.

Em oposição, esse artigo busca dialogar com o movimento que vem ocorrendo nos últimos anos na maneira como a antropologia aborda a temática da moda<sup>3</sup>, que busca prestar atenção à relação entre pessoas e roupas, dando especial atenção à matéria e questionando a fronteira entre sujeitos e objetos (Silvano & Mezabarba, 2019). Nessa empreitada, considero a conexão entre materialidade e memória fundamental.

Nas próximas páginas, abordo primeiramente a relação de comprometimento que os entrevistados sentem em relação às suas roupas, que revela o papel do vestuário na construção e manutenção da autopercepção sobre identidade. Em seguida, discuto o modo como as peças de vestuário circulam através de redes de sociabilidade, chamando atenção para a eficácia do vestuário na materialização e simbolização de vínculos afetivos. Por fim, abordo o poder das roupas de evocar lembranças e marcar nossa memória, condensando recordações sobre nossas relações com outras pessoas, diferentes aspectos da nossa autoimagem, e nosso passado, presente e futuro.

## Roupas nos fazem sentir bem: conforto e identidade

Em algumas análises sobre o modo como lidamos com as roupas na sociedade moderna e ocidentalizada, surgem metáforas que enfatizam a liberdade pessoal. Os sujeitos são vistos sobretudo como consumidores em um mercado onde a desigualdade de renda seria o único fator a diversificar o acesso ao vestuário<sup>4</sup>. Em oposição, os jovens que entrevistei “experimentam e interpretam suas relações com as roupas ao longo de suas vidas muito mais na chave do conflito e da tensão, do que na chave da liberdade” (Espindola, 2021: 154).

De maneira retrospectiva, eles interpretam as mudanças nos seus modos de vestir como sintomáticas de transformações nas suas relações com outras pessoas, com sua própria imagem e percepção sobre si mesmos, entre outros fatores, e essas relações são lembradas como sendo profundamente significativas para a forma como experimentam o mundo social – e justamente por isso, elas contêm um grande potencial de conflito, tensão e ansiedade. Dessa forma, por mais que estilo de vestuário varie no decorrer da vida, a cada momento as pessoas lidam com as roupas através de uma relação de comprometimento, e a experimentação ocorre dentro de um espaço bastante delimitado, que varia, é claro, de pessoa para pessoa, mas que nunca chega ao “vale-tudo”. E isso porque se vestir é um investimento sério. Segundo Filomena Silvano e Solange Mezabarba (2019), esse investimento é ainda mais sério considerando que, na modernidade, o processo de construção identitária no qual o corpo está envolvido passou a ser mais consciente, e as roupas são uma importante técnica nesse processo.

A discussão de Erving Goffman (2011 [1967]) sobre a preservação da fachada pode ser bastante esclarecedora nesse ponto. Segundo o autor, nosso comportamento nas mais diversas interações depende de uma negociação entre nossa concepção sobre a situação, sobre os outros e sobre o “eu”.

3 Segundo Silvano e Mezabarba (2019), no decorrer do século XX a moda foi considerada como um fenômeno associado ao mundo urbano e à modernidade, e assim, as pesquisas antropológicas sobre o papel das roupas na nossa sociedade acabam sendo entendidas como pesquisas sobre moda. Mas devemos entender que a moda é um fenômeno social muito mais amplo, que inclui também a moda como campo (Bergamo, 2007). Para evitar confusões, nesse artigo evito o termo “moda” e para circunscrever a análise ao modo como as pessoas se relacionam com suas roupas, embora esse relacionamento seja parte da moda enquanto fenômeno social.

4 Ver, por exemplo, Polhemus (2016).

A partir dessa negociação, construímos uma fachada, na qual estão condensadas nossa autoimagem e a imagem que acreditamos que as outras pessoas têm de nós. Apesar de representarmos diferentes fachadas em diferentes situações, elas devem manter uma coerência entre si, pois a manutenção de uma representação coerente do “eu” é essencial ao sentimento de identidade. Isso produz um grande apego emocional a essa fachada, e assim, quando outras pessoas nos flagram em um ato incoerente com nossa representação, nos sentimos envergonhados. A seleção do vestuário, uma vez que faz parte da manutenção de uma fachada, é um investimento muito sério que se relaciona profundamente à nossa concepção sobre o “eu”. Portanto, as roupas que temos no nosso armário, e que estamos acostumados a usar no dia a dia, podem ser relativamente diferentes entre si, e bastante diferentes das que usávamos há dez anos, mas essa seleção variada exclui muitas outras possibilidades que não queremos ou que sentimos que não podemos usar.

Consequentemente, são somente certos tipos de roupas que nos fazem sentir bem. Já foi afirmado que nossa “vestimenta externa tem também uma função interna” (Harvey, 2003: 18), e que muitas pessoas “atribuem a suas roupas ‘preferidas’ a capacidade de influenciar suas formas de se expressar e de interagir com as outras” (Crane, 2006: 22). E realmente, os jovens que entrevistei consideram que existiram e existem roupas que os fazem sentir particularmente bem, ou que os deixam confortáveis:

[as roupas que eu mais gosto de usar] são roupas que eu tenho que são mais confortáveis, assim, eu já tô mais acostumada a vestir e tal, então eu acho que eu fico bem nelas. (Maria Clara)<sup>5</sup>

eu me visto com o que eu me sinto bem, sabe. Que eu me olhe no espelho e goste do que eu esteja vendo. (João)

Percebemos que a noção de conforto não se refere somente às características físicas da roupa e da forma como ela envolve nossos corpos, como fica bem expresso no comentário de Gustavo:

eu sempre tive um objetivo de ter o maior conforto possível independente da roupa que eu tava utilizando. “Conforto” eu digo... eu me sentir confortável... entre a roupa ser confortável, e eu me sentir confortável usando ela, sabe? (Gustavo)

Sentir-se confortável usando uma roupa envolve sensações complexas e sutis. Nessas narrativas, as roupas capazes de garantir essas sensações costumam ser aquelas que estamos acostumados a usar; que usamos muito; que achamos que “caem bem” e que são “a nossa cara”. Vejamos como isso transparece nesse trecho do relato de Eduardo:

Tenho um casaco cinza que tem umas faixas vermelhas. E ele tem zíper nos bolsos, eu gosto muito disso porque... eu acabei aprendendo muito a usar, e eu... sei lá, me sinto mais seguro. Ele também

5 As falas dos entrevistados foram levemente modificadas para facilitar a leitura no espaço de um artigo, mas sem perder o sentido ou o estilo. As falas originais podem ser conferidas na pesquisa na qual se baseia este artigo (Espindola, 2021).

é um dos meus casacos mais antigos. Eu acho que ele é o meu casaco mais antigo. E... sei lá, eu gosto bastante dele. Pelo fato de ele ser antigo, de eu usar ele há muito tempo, de eu me sentir... seguro com ele. (Eduardo)

A princípio podemos pensar que essa peça tem o poder de fazer Eduardo sentir-se seguro porque o zíper impede que as coisas caiam do seu bolso. Mas a sensação de segurança transmitida pela materialidade do casaco parece ir além disso; parece ser efeito também do fato de que esse é o seu casaco mais antigo, que ele foi “aprendendo a usar” ao longo da vida. Usar muito uma roupa pode fazer com que a pessoa se acostume com a visão de si mesma vestindo aquela peça, com o modo como o tecido roça sua pele, molda seu corpo e lhe permite experimentá-lo. Através da vivência com uma roupa no decorrer do tempo, circulando entre diferentes espaços, ocasiões e pessoas, ela prova sua capacidade de nos fazer sentir bem nas mais diversas situações. Trata-se de uma experiência que faz com que aquela peça, tal como o casaco de Eduardo, seja capaz de nos transmitir uma sensação de segurança por si mesma. Essa segurança, conforto e tranquilidade parece ser alcançada através de uma fusão entre a pessoa e a roupa:

Através do uso contínuo dos mesmos itens de vestuário, é como se eles envelhecessem junto com a pessoa, se transformando em uma segunda pele. [...] Bayly (1989) apontou para os vínculos entre biografia e vestuário, onde a porosidade das roupas, como algo vestido pelos indivíduos próximo ao corpo, possibilita uma fusão entre a pessoa e a roupa. Através da capacidade das roupas de envelhecer, sendo ao mesmo tempo coisas duráveis, essa relação simbiótica entre a pessoa e a roupa é criada, na qual a pessoa se sente confortável em suas roupas (Woodward, 2005: 33, tradução livre).

Essa fusão nos chama atenção para o modo como certas peças são capazes de nos transmitir um tipo de segurança ontológica (Giddens, 2002)<sup>6</sup>: passamos a acreditar que certo tipo de roupa é “a nossa cara” e que só somos “nós mesmos” quando o usamos. Assim, a roupa assegura um senso de coerência e identidade à pessoa.

Se certas roupas são “a nossa cara”, isso significa, também, que existem vários outros tipos de roupa que poderíamos usar, mas que não usamos porque eles não têm “nada a ver” conosco. Podemos fazer referência aqui à discussão de Sophie Woodward (2005) sobre o *aesthetic fit* e o *aesthetic disjuncture* – encaixe estético e disjunção estética, respectivamente. Woodward remete à noção de “pessoalidade distribuída” (*distributed personhood*) de Alfred Gell, que expressa a ideia de que o “eu” é externalizado e distribuído no espaço através de diferentes objetos materiais, que são fundamentais na mediação e externalização da agência e da intencionalidade. O *aesthetic fit* seria uma sensação alcançada ao vestir roupas que “externalizam de maneira eficaz a intencionalidade da pessoa através da sua materialidade” (Fisher & Woodward, 2014: 8, tradução livre), e que são consideradas confortáveis por sua capacidade de fazer a pessoa se sentir “como ela mesma”. O *aesthetic disjuncture*, pelo contrário, é a sensação de que

6 Sobre isso, Anthony Giddens diz que: “Do outro lado do que poderiam parecer aspectos bem triviais da ação e do discurso cotidianos, o caos espreita. E esse caos não é só a desorganização, é também a perda do sentido da realidade mesma das coisas e das outras pessoas. [...] A atitude natural põe entre parênteses perguntas sobre nós mesmos, sobre os outros e sobre o mundo dos objetos que devem ser dadas como respondidas para que se possa enfrentar a atividade cotidiana” (Giddens, 2002: 40). Essa atitude natural é alcançada por meio da sensação de segurança ontológica, que pressupõe uma aceitação tácita da identidade dos objetos, das outras pessoas e do eu.

uma roupa não tem “nada a ver” conosco, o que pode provocar um desconforto em relação à sua materialidade e à forma como ela envolve e molda nosso corpo.

Ou seja, os conceitos de *aesthetic fit* e *aesthetic disjuncture* nos ajudam a compreender o poder das roupas de provocar sensações de conforto ou desconforto na medida de sua eficácia em externalizar a autopercepção sobre nossa identidade. Nos referindo ao diálogo que realizamos com Goffman (2011 [1967]), percebemos novamente o quanto as pessoas conectam seus sentimentos – ou seu “autorrespeito”, para usar os termos de Norbert Elias (2001 [1969]: 227) – às suas roupas enquanto elementos essenciais de sua fachada, que é um elemento essencial do modo como elas interpretam a si mesmas. Mais uma vez, fica evidente o quanto o vestir-se é um investimento sério vivenciado através do comprometimento, muito mais do que um “flerte exploratório”.

## A circulação de roupas e os vínculos afetivos

Se estamos intimamente ligados às nossas roupas, devemos nos atentar, contudo, para não cair em um enfoque excessivamente individualista. Segundo Saulo Cwerner (2001), as pesquisas sobre moda tendem a focar no porquê de uma certa pessoa usar uma certa roupa, e isso pode fazer com que a primeira imagem que vem à nossa mente, quando pensamos sobre esse tema, seja a de um consumidor solitário, em uma loja, comprando uma peça que é expressão de seu gosto particular. Pelo contrário, as roupas, nas narrativas de vida dos meus interlocutores, são muitas vezes utilizadas para falar das transformações nas relações entre o “eu” e as *outras pessoas* ao longo da vida. Entender como as roupas circulam entre as pessoas é um bom ponto de partida para percebermos essa questão.

As roupas são frequentemente recebidas como presentes ou doações, ou recuperadas de um estado de esquecimento do guarda-roupa dos pais ou de outros conhecidos; mesmo quando compradas, elas podem ter sido adquiridas na companhia de outras pessoas; podem fazer parte de um guarda-roupa compartilhado, por exemplo, com irmãs e amigas; podem ser guardadas pensando em outra pessoa que pode vesti-las no futuro; podem ser trocadas com amigos e, enfim, doadas a alguém. Esse enfoque, além de nuançar o foco na liberdade individual frente ao vestuário, nos revela redes de intensa sociabilidade ao redor das roupas.

Vamos prestar atenção nessa passagem da narrativa de Rafaela, onde esse ponto se revela de uma maneira particularmente clara:

eu sempre ganhei muita roupa das minhas primas, dos meus primos, do meu irmão (risos), então... não tinha muito um estilo definido, pra uma criança (risos). Aí quando eu comecei a ir pra escola eu lembro que a minha avó costurava pra mim. Minha mãe separava os modelos que ela queria, e minha avó fazia principalmente vestido e saia pra mim. [...] Aí eu lembro... da primeira vez que eu comparei... a roupa de uma criança com a minha [...]. Que era uma touquinha... de crochê [...]. E eu queria muito, eu fiz minha avó fazer (risos), eu lembro que não ficou igual o da outra menina, eu fiquei chateada... mas enfim. Aí quando eu fui crescendo, foi tendo as festinhas. Eu lembro que eu me baseava bastante naquela revista (risos) Capricho. E eu me considerava um estilo romântico, e tentava fazer meus looks baseados nesse estilo. Eu acho que ainda muito influenciada pela minha mãe, de ser mocinha, colarzinho, sainha, sapatinho, tipo tudo floridinho (risos).

quando a gente começou a sair pra festa, eu me agarrei muito ao estilo das minhas amigas. Que era realmente um estilo mais... convencional? [...] E eu nunca tive muitas roupas de sair comparada às minhas amigas, então sempre que a gente ia numa festinha, a gente se trocava na casa de alguma amiga, que raramente era a minha casa, e eu acabava pegando emprestado delas. [...] E foi nessa época, mais ou menos com uns 15 anos, 16, 14, eu comecei a rejeitar o estilo da minha mãe. [...] Então eu comecei a ir contra quando ela me ajudava a escolher roupa.

voltando ao assunto de que eu tinha quebrado laços com o estilo de roupa da minha mãe. [...] Aí teve um momento... acho que isso já foi com uns 18 anos? Que eu voltei... a me interessar pelas roupas da minha mãe (risos), e aquilo que eu achava super brega – minha mãe sempre foi muito colorida né, nas roupas – eu comecei a ligar algumas peças com coisas que não tinha muito a ver, e eu ficava no limite... entre o brega e o autêntico. Então comecei a cruzar estampas, e pegava coisas da minha mãe, misturava com coisa de brechó. Acredito que até hoje eu tenho essa pegada. (Rafaela)

Se notarmos a maneira como as roupas chegam à Rafaela, podemos identificar uma variedade de práticas além da compra: ela recebe roupas usadas dos primos, das primas e do irmão; usa as roupas costuradas por sua avó, baseadas nos modelos selecionados pela mãe; pega roupas emprestadas das amigas; recupera roupas do armário da mãe e as mistura com peças compradas em brechó. A cada momento, as peças que ela tinha à disposição não eram apenas aquelas que ela possuía no armário, e, por outro lado, as que ela tinha no armário não eram sempre as que ela realmente gostaria de ter, já que estavam parcialmente limitadas ao que ela recebia dos parentes e ao que sua avó conseguia costurar, como nos mostra sua frustração referente à touquinha de crochê.

Entre os jovens de camadas médias que entrevistei, esses modos de ter acesso às roupas não estão diretamente relacionados à privação material. Várias pessoas comentaram que recebem e receberam roupas usadas de parentes e amigos, e fizeram menções a uma “economia moral” (Kopytoff, 2008) das roupas, que define o modo como elas serão compradas, usadas, guardadas e dispensadas. Um ponto marcante nessa economia é o imperativo moral de doar roupas, ou seja, a doação das roupas é parte evidente da sua “carreira ideal” (Kopytoff, 2008: 92), e é a última fase da trajetória da pessoa com uma peça, assim como recebê-las de alguém pode ser o início dessa trajetória.

Entender que as roupas são recebidas e doadas, além de simplesmente compradas, é um primeiro passo para percebermos essa rede de sociabilidade ao redor das roupas. Pois se por um lado as roupas usadas podem ser recebidas de pessoas relativamente desconhecidas, e do mesmo modo, doadas para pessoas desconhecidas, elas também podem passar de mãe para filha, de irmão para irmão, de amiga para amiga. Nessa circulação entre conhecidos, as roupas são especialmente eficazes na materialização de vínculos afetivos.

Para Peter Stallybrass (2012), o poder particular das roupas na materialização desses vínculos está na combinação entre a sua capacidade de ser permeada, e a sua capacidade de durar no tempo. A roupa é permeada por seus usuários pois “ela nos recebe: recebe nosso cheiro, nosso suor; recebe até

mesmo nossa forma” (Stallybrass, 2012: 10). Além disso, as roupas duram: “os corpos vêm e vão: as roupas que receberam esses corpos sobrevivem” (Stallybrass, 2012: 11). Assim, enquanto objetos que sobrevivem ao tempo, as roupas podem ser reutilizadas, mas elas carregam sempre algo do seu antigo proprietário, seja na sua materialidade, através do cheiro, das manchas, dos puídos, seja porque elas evocam, para o novo proprietário, lembranças sobre aquele que as vestiu antes dele:

A minha mãe tem o corpo parecido com o meu. Quando ela era mais nova e até hoje. Aí ela tinha bastante roupa que ela usava na adolescência que eu herdei. E eu gosto dessas roupas que tipo não são compradas, que acabam... chegando, e eu me aproprio delas. A minha postura hoje em dia é buscar ter mais consciência, de onde vem essas roupas, e... pra onde elas vão, e se elas vão estragar rapidamente, sabe. Eu tento achar umas alternativas, comprar roupas de brechó, ou gastar um pouco mais em alguma roupa, mas sabendo que ela vai durar. E que eu possa até guardar, pra ser utilizada futuramente pelos meus filhos, filhas, enfim. Porque eu tenho bastante roupa que veio das minhas tias, da minha mãe... eu acho legal isso, essa memória afetiva das roupas. (Melissa)

Melissa se volta para o guarda-roupa da mãe, e se “apropria” das peças que ela usava na juventude. Rafaela, algumas páginas atrás, também fala da maneira como ela mistura as roupas da mãe com as que encontra nos brechós, fazendo combinações que ficam “no limite entre o brega e o autêntico”. O movimento narrado por Rafaela, entre querer agradecer a mãe durante a infância, romper com seu estilo durante a adolescência, e retomar esse vínculo nos últimos anos, é uma narrativa na qual as relações com as roupas da mãe servem para falar sobre a relação com a própria mãe enquanto referência para ela. Essas roupas materializam o vínculo entre as duas, carregando uma “memória afetiva”, como diz Melissa, pois carregam algo da antiga proprietária.

Por outro lado, o modo como Melissa se “apropria” das roupas, e as combinações “autênticas” feitas por Rafaela, indicam que no movimento de vestir as roupas da mãe, elas também deixam suas próprias marcas nas peças. Assim, poder se apropriar dessas roupas provoca em Melissa um desejo de cuidar das peças que ela mesma possui, para que um dia seus próprios filhos possam se apropriar das peças que ela lhes deixará como herança. A roupa materializa não somente seu vínculo com sua mãe, mas um vínculo imaginado com os filhos que ainda estão por vir, conectando três gerações da mesma família.

Portanto, podemos dizer sobre a circulação de roupas aquilo que Mauss (2003 [1925]: 212) disse sobre a dádiva: “Trata-se, no fundo, de misturas. Misturam-se as almas nas coisas, misturam-se as coisas nas almas. Misturam-se as vidas, e assim as pessoas e as coisas misturadas saem cada qual de sua esfera e se misturam”.

Essa mistura de coisas e almas nos leva a outro elemento importante no que se refere à circulação de roupas, que apareceu bastante nas entrevistas que realizei, e que também é citado por Rafaela – trata-se do hábito de compartilhar roupas, exemplificado pelo compartilhamento de panos (lenços, echarpes e cachecóis) entre Davi e a namorada:

É uma coisa legal, porque ela consegue usar roupas minhas, e eu sou maior do que ela, então eu

basicamente não consigo usar nada dela... aí os panos eu consigo usar, é uma coisa legal nesse sentido... tem a ver com essa afetividade e... realmente acho bonito, de forma geral. (Davi)

O compartilhamento de roupas também materializa um vínculo afetivo entre as pessoas, mas de uma maneira um pouco diferente do recebimento de peças usadas. Embora as roupas usadas carreguem marcas do seu antigo proprietário, depois de lavadas e guardadas no nosso armário, elas vão ganhando nosso próprio cheiro e nossa própria marca. Usar uma roupa de alguém, em contrapartida, é usar uma roupa que ainda pertence a outra pessoa, que ainda contém o seu cheiro – o que pode ser perturbador, como coloca Elizabeth Wilson (2003: 2, tradução livre):

Roupas fora dos corpos, seja em uma barraca de roupas usadas, em uma redoma de vidro, ou simplesmente as roupas de um amante espalhadas no chão, podem nos afetar de uma maneira desagradável, como se uma cobra tivesse deixado sua pele para trás [...]. Uma parte desse estranhamento em relação ao vestuário deve-se ao fato de que ele vincula o corpo biológico ao ser social, e o público ao privado. Isso o torna um território perturbador, pois nos força a reconhecer que o corpo humano é mais do que uma entidade biológica. Ele é um organismo na cultura, um artefato cultural, até, e suas próprias fronteiras são confusas [...]. As roupas marcam ambigualmente uma fronteira confusa, e fronteiras confusas nos perturbam.

Assim, justamente por serem coisas que envolvem nossos corpos, sendo parte deles em boa parte do tempo, as roupas estão entre os objetos mais íntimos que podem ser compartilhados. Usar uma roupa de outra pessoa é se mostrar disposto a borrar as fronteiras entre os corpos, e por esse motivo sua conexão com o vínculo afetivo é tão forte. Quando Rafaela compartilha as roupas com as amigas, e quando Davi compartilha esses panos com a namorada, além de atestar o compartilhamento de referenciais estéticos (e, portanto, sociais) comuns, esse ato simultaneamente expressa e constrói seu nível de intimidade, servindo de comprovação dessa intimidade aos seus olhos.

Nesse sentido, podemos fazer um diálogo com uma antropologia corporificada e relacional das emoções (Lyon, 1995). Margot Lyon busca se contrapor tanto às perspectivas que entendem as emoções como puramente psicológicas, quanto às vertentes que prestam atenção apenas à sua dimensão cognitiva e culturalmente construída. Para a autora, as emoções são produzidas através de relações entre pessoas, e também mediam essas relações, que são sempre relações entre corpos. A presença, o tato, o cheiro e os gestos dos corpos são exemplos do modo como eles se comunicam e agem nas interações sociais. A circulação e o compartilhamento de roupas parece ser uma outra forma de colocar os corpos em contato, e por essa razão são tão eficazes na manutenção de vínculos afetivos.

Nesta seção, procurei mostrar que os aspectos individualizantes e desindividualizantes das roupas estão sempre em diálogo. As roupas ora marcam o espaço da singularidade, ora expressam e constroem vínculos sociais. Na capacidade da roupa de durar no tempo e ser permeada pelas pessoas que as usam, na sua capacidade de materializar vínculos afetivos enquanto carrega algo do seu antigo dono

e é simultaneamente ressignificada pelo novo proprietário, possibilitando uma mistura entre coisas e almas que é no fundo uma mistura entre pessoas, chegamos à relação entre as roupas e a memória.

## Roupas com memória e a memória sobre as roupas

Ao falar sobre o vestuário e sobre as transformações nas suas relações com ele ao longo da vida, os entrevistados constroem interpretações nas quais as roupas são usadas “para falar das mudanças nas relações entre o ‘eu’ e tudo o que é considerado o ‘mundo exterior’<sup>7</sup>, e também, sobre as transformações pelas quais passa esse “eu”, em sua personalidade e autopercepção” (Espindola, 2021: 178).

A memória, enquanto reconstrução retrospectiva sobre os acontecimentos vividos, que busca lhes atribuir sentido e coerência, de modo a conectar o passado, o presente e nossa perspectiva de futuro (Rosenthal, 2014), só pode ter uma relação muito íntima com tudo isso. Em boa parte das nossas recordações, estamos vestidos de uma forma ou de outra. “As roupas nos acompanham, e nossa biografia se mistura e se confunde com a biografia das nossas roupas” (Espindola, 2021: 178).

Nos próximos parágrafos, abordarei três facetas da relação entre roupa e memória: 1) as roupas que usamos carregam lembranças do passado, enquanto nos acompanham em acontecimentos que se tornarão parte de novas lembranças; 2) algumas roupas são guardadas, mesmo quando já não as vestimos mais, justamente por sua eficácia em materializar lembranças, e 3) algumas roupas ficam “guardadas” na memória por muito tempo, apesar de sua ausência material.

Esse primeiro aspecto se relaciona intimamente à discussão que fizemos acerca da capacidade da roupa de ser permeada e de durar no tempo. Ao longo dos anos, as roupas vão sendo permeadas por memórias em um duplo sentido. Elas evocam lembranças sobre as pessoas que as usaram antes de nós, sobre a situação em que as compramos ou ganhamos, sobre o que vivemos enquanto as vestíamos etc. Mas além de evocar lembrança, elas carregam a memória na sua própria materialidade, como nos lembra Stallybrass (2012: 65-66):

Na linguagem das pessoas que trabalhavam com confecção e conserto de roupas, no século XIX, os puídos nos cotovelos de uma jaqueta ou numa manga eram chamados de “memórias”. Esses puídos lembravam o corpo que tinha habitado a vestimenta. Eles memorizavam a interação, a constituição mútua, entre pessoa e coisa.

É por sua capacidade de ser permeada, de evocar e de criar memórias, que as roupas são tão eficazes em materializar vínculos e conectar o presente e o passado, como fica tão bem expresso na narrativa de Isadora:

A minha prima sempre ganhou muita roupa, e ela era 4 anos mais velha que eu, então geralmente na época em que as roupas deixavam de servir nela, elas começavam a servir em mim. Lembro de receber doação de roupa em malas enormes.

---

<sup>7</sup> Nessa concepção sobre um “eu” que existe e somente depois se relaciona com um “mundo exterior” que é em certa medida oposto a ele, podemos perceber traços da “noção de pessoa” com a qual nossa cultura trabalha. Discuto mais profundamente de que maneira essa noção de pessoa é mobilizada pelos entrevistados no capítulo “Falar sobre roupas e falar sobre si” (Espindola, 2021).

Há uns 4 anos, a minha prima que me doava as roupas... faleceu, e ela sempre gostou muito de doar as roupas pra mim e pra minha irmã, então ela sempre separava com bastante carinho, doava pra gente tudo lavadinho... E quando ela morreu, algum tempo depois, depois que passou o luto da minha madrinha, ela decidiu doar todas as roupas da minha prima, então... um dia quando a gente foi pra lá, ela simplesmente abriu o armário e falou que a gente podia levar tudo que a gente gostasse. Então acho que foi a época em que eu mais coloquei roupa no meu armário, e são peças que eu tenho até hoje e que eu uso com bastante carinho, porque querendo ou não me traz uma lembrança afetiva boa dela, porque sempre foi uma coisa... que ela fez muito de coração pela gente, então... sempre significou bastante pra mim. (Isadora)

As roupas sobrevivem à sua prima, e para a sua tia, elas estão assombradas pela perda. Para Isadora, essas roupas que agora são suas carregam e evocam a memória da prima e da sua relação com ela – como diz Stallybrass (2012: 26), uma “rede de roupas pode efetuar as conexões do amor através das fronteiras da ausência, da morte, porque a roupa é capaz de carregar o corpo ausente, a memória, a genealogia”. Mas Isadora devolve a vida a essas roupas, “ativando-as”, pois agora elas serão permeadas pelo seu próprio corpo e por suas próprias experiências com outras pessoas.

Além de evocarem lembranças sobre nossas relações com outras pessoas, as roupas que usamos hoje também criam uma ligação entre nosso passado e nosso presente, auxiliando na manutenção da sensação de coerência e continuidade do “eu” através do tempo, que é constitutivo do sentimento de identidade (Pollak, 1992):

Outra peça de roupa que eu uso muito e adoro, que é digamos... meu casaco favorito, é o meu casaco do terceirão. Aí eu não preciso nem explicar da onde vem o apego emocional dele né (risos), porque foi uma época muito boa. É um casaco que os meus melhores amigos até hoje também têm, e usam muito, não só a gente, como todo mundo da sala tem esse casaco, e ele é muito bom. Ele é muito quentinho, eu gosto muito dele, ele é muito confortável. Eu tô usando ele (risos) exatamente nesse momento. Então eu tenho outros casacos e moletoms também, eu tenho o meu casaco do meu curso, que é um moletom praticamente igual, só que eu não uso tanto quanto esse. E sei lá, a cada ano que passa eu gosto mais dele, eu gosto de olhar “2015” e sentir aquela nostalgia de pensar “cara, já faz cinco anos”. Não sei, dá uma emoçãozinha nisso. (Eduardo)

O moletom do terceirão de Eduardo materializa recordações sobre toda uma época da sua vida, que ele pode carregar no corpo. Além disso, ele sabe que seus melhores amigos, com quem ele já não estuda, também têm e usam muito esse moletom, e dessa forma essa peça é capaz de conectar simultaneamente o presente e o passado relacional de Eduardo. Assim, a “superfície” do corpo se torna o lugar para a construção e apresentação do *self*, constituído biograficamente e relacionalmente (Woodward, 2005).

Contudo, para que as peças que usamos hoje sejam capazes de evocar memórias que nos possibilitam um sentimento de coerência e continuidade entre passado e presente, nem sempre é necessário que essas roupas sejam exatamente as mesmas que usamos no passado:

Eu sempre gostei muito de *oxfords*. Eu lembro que quando eu era pequena, eu fazia muita coisa do co-

légio, assim, sabe, e os sapatos do colégio, quando você se apresentava, eram específicos. Eram sapatos mais masculinos, tipo *oxfords*. E eu adorava aqueles sapatos, porque me lembrava uma coisa bem boa que era quando eu me apresentava. Quando eu era criança eu não tinha vergonha disso, eu gostava de me apresentar em coisas de dança e... hoje em dia também gosto muito, continuo gostando de *oxfords*, e sapatos mais... entre aspas, masculinos. (Maria Clara)

Talvez outra pessoa veja Maria Clara com um par de *oxfords* novos e modernos, e os associe somente às últimas tendências da moda. Mas para Maria Clara, esses novos sapatos são capazes de evocar lembranças sobre como ela se sentia quando era pequena e gostava de se apresentar na escola. Nos remetendo à discussão sobre o *aesthetic fit*, entendemos que Maria Clara se sente bem usando esses *oxfords*; ela se sente “como ela mesma”, porque apesar de eles não serem os mesmos sapatos usados no passado, eles lhe fazem lembrar da maneira como outros pares de sapato similares faziam com que ela se sentisse, e portanto, contém a potencialidade de fazê-la se sentir assim novamente. Nesse caso, o *aesthetic fit* é produzido na medida em que o novo par de *oxfords* é capaz de materializar boas memórias, conectando o passado e o presente e possibilitando aquela sensação de segurança ontológica.

Em contraposição, as lembranças evocadas por uma roupa podem impossibilitar o *aesthetic fit*, quando não conseguem conectar o passado e o presente de um modo coerente e agradável:

No Ensino Médio, na primeira vez que eu tava namorando, eu tava com a minha namorada e ela foi escolher uma coisa pra eu usar. [...] aí eu lembro que ela escolheu uma parada lá (risos), e eu até falei “ah, vamo nessa”, na hora eu achei maneiro, aí depois que a gente terminou (risos), e eu achei bem mais ou menos aquele casaco... ele é confortável, é um moletonzinho gostoso, mas eu não acho ele muito bonito. Nem combina comigo. (Davi)

Enquanto Davi ainda estava namorando, o casaco materializava seu vínculo com sua namorada; mas depois do rompimento da relação, apesar de a peça continuar sendo “um moletonzinho gostoso”, as memórias associadas a ela fazem com que ele não sinta vontade de usá-la, pois ela já não “combina” com ele.

Mas se Davi não sente vontade de usar esse casaco, já que ele não é capaz de garantir o *aesthetic fit* devido à associação com a ex-namorada, será que ele ainda o guarda no seu armário? Em sua pesquisa sobre o porquê de as pessoas guardarem roupas que não usam mais, Maura Banim e Ali Guy (2001) perceberam que nem sempre as peças guardadas evocam boas recordações. Algumas vezes, elas estão ali pois a pessoa acha que um dia poderá usá-las novamente, ou porque ela acha que ainda não as vestiu o suficiente para ter compensado o seu preço (mantendo em mente, aqui, aquela economia moral das roupas que discutimos).

Outras vezes, porém, essas roupas são guardadas porque, apesar de evocarem lembranças amargas ou agrídoces, elas ainda servem para conectar o passado e o presente, não só em uma relação de continuidade, mas também de descontinuidade. Assim, talvez Davi guarde esse casaco porque ele remete a uma época e a uma pessoa que ficaram definitivamente no passado, mas que são importantes na reconstrução retrospectiva da sua trajetória (o que nos faz pensar que nada fica definitivamente no

passado, uma vez que ele continua a viver no presente através da memória). Pode ser difícil para Davi se desfazer desse casaco que ele não usa mais, porque as roupas que já não vestimos possibilitam às pessoas a manutenção de uma conexão com aspectos anteriores e importantes delas mesmas e de suas vidas, já que as histórias dessas peças lhes auxiliam a estabelecer uma narrativa pessoal através de suas imagens em transformação (Banim & Guy, 2001).

Chegamos, aqui, ao segundo aspecto da conexão entre roupa e memória mencionado no início dessa seção: o fato de que algumas roupas são guardadas, mesmo quando já não as vestimos, justamente devido a sua eficácia em materializar memórias. Banim e Guy (2001) observam que o costume de manter roupas que não usamos mais é muitas vezes entendido como sintoma dos excessos da cultura do consumo. Não pretendo duvidar da realidade do consumismo, mas concordo com Banim e Guy (2001) quando elas argumentam que devemos ouvir o que as próprias pessoas têm a dizer sobre o porquê de guardarem roupas que não usam mais, pois só assim poderemos entender a pluralidade de significados possíveis do ato de guardar roupas.

Como já foi mencionado, meus interlocutores falam das roupas como objetos inseridos em uma economia moral onde a circulação é um dado considerado evidente e moralmente correto. Assim, na “carreira ideal” (Kopytoff, 2008) de uma roupa, a relação física entre uma pessoa e uma peça deve terminar no ato de doá-la. Porém, também observei nessas entrevistas que algumas coisas são retiradas dessa circulação prevista por essa economia moral, pois as pessoas sentem que essas coisas devem ser mantidas devido às lembranças que evocam. Essas peças são guardadas porque esses jovens ainda se relacionam com elas, apesar de não as vestirem mais. Isso nos atenta ao fato de que a vida social das roupas se estende para além dos momentos em que são vestidas (Banim & Guy, 2001). Esse é o caso da pilha de camisetas antigas de Eduardo:

Tem uma coisa interessante no meu armário: eu tenho uma pilha de camisetas, que estão aqui puramente pelo valor emocional, e eu nunca uso, que são camisas... das olimpíadas da escola, uma camiseta do terceiro 2015, que tem as fotos dos funcionários, dos professores, [...] e aí entre elas também tem as minhas camisas de uniforme, a maioria delas são aquelas que a gente assinava no último dia de aula, que... eu adorava fazer isso. (Eduardo)

Cada uma dessas camisetas materializa memórias específicas sobre um evento da escola, uma turma, uma fase na sua vida, e juntas elas compõem uma “biografia indumentária” (Cwerner, 2001: 87) que possibilita a Eduardo reconstruir sua trajetória. Mais uma vez, a materialidade da roupa constrói um vínculo tangível e sensorial entre passado e presente (Slater, 2014), e por isso, mesmo se ele não as veste, ele ainda assim se relaciona com elas, e não pode pensar em doá-las.

Enquanto essa pilha de camisetas compõe em conjunto uma biografia indumentária, o seu primeiro par de tênis da Mizuno é capaz de condensar várias recordações em uma única peça:

Eu posso comentar logo de cara sobre o primeiro tênis que eu ganhei da Mizuno, que é uma marca dessas de tênis esportivo. Até hoje eu gosto de tênis deles. Mas foi o primeiro que eu recebi; meu

pai comprou pra mim aleatoriamente, quando eu era mais jovem... eu fiquei muito encantado com ele porque justamente foi o primeiro dessa marca que eu gosto muito. E ele é muito confortável, eu usei ele por muito tempo, tipo, só ele basicamente. Chegou um momento que ele tava completamente ferrado e desgastado, e minha mãe tava brigando comigo (risos), tipo “pára de usar esse tênis, ele tá feio, tem que comprar um novo”, e eu não queria porque eu tinha esse apego emocional a ele, mas eu diria que é um apego que veio mais... da força do hábito de tanto usar, e de não ter nenhum outro. E porque ele era simples, cinza, [...] ele não ficava muito ruim com nenhuma combinação de roupa que eu fizesse. E acabou que eu usei ele por muito tempo, até não conseguir mais. E aí no final eu usei ele no meu trote, quando eu entrei no IFSC, e ele ficou manchado de tinta, e aí eu tenho ele meio que como um memorial até hoje. Eu só uso em situações que eu possa usar um tênis extremamente feio e ferrado e manchado, ou seja, basicamente nunca. Mas eu não consigo me livrar dele, por causa dessa carga emocional. (Eduardo)

A fusão entre a pessoa e a roupa é alcançada através do hábito de vesti-la ao longo do tempo, e essa fusão provoca em Eduardo um apego emocional muito grande a esse tênis. O tênis tem o seu triunfo final no trote que marca entrada de Eduardo na faculdade, e portanto, em uma nova fase da sua vida, na qual o tênis não será mais usado, mas será guardado, com as manchas de tinta, “como um memorial” que condensa lembranças sobre toda uma época de sua história.

Banim e Guy (2001), ao falarem sobre como certas roupas são guardadas por sua capacidade de evocar memórias sobre nossa trajetória, dizem que algumas são guardadas pela peça em si (isto é, pela capacidade daquele item específico ter feito a pessoa se sentir de um jeito que ela quer lembrar), enquanto algumas são guardadas com o objetivo de fazer a pessoa se lembrar de coisas que estavam acontecendo enquanto aquela roupa estava em uso. No primeiro caso, a roupa seria guardada como uma “criadora de memória sobre o eu”, e no segundo caso, como uma “testemunha para o eu”. Enquanto a pilha de camisetas antigas de Eduardo parece funcionar mais como uma “testemunha” da sua própria vida, o tênis da Mizuno ultrapassa os limites entre essas duas funções. O tênis é para ele uma testemunha de toda uma época da sua trajetória; mas ele também é um “criador de memória sobre o eu”, pois o lembra da maneira como ele se sentia em perfeita fusão com o tênis ao usá-lo. Talvez seja justamente pela capacidade do tênis da Mizuno de condensar tanto em apenas um objeto, que ele é a primeira peça que lhe veio à mente quando perguntei se ele tinha roupas preferidas, e também deve ser por essa razão que ele diz que guarda o tênis “como um memorial”.

Além disso, assim como as peças que usamos hoje em dia podem nos remeter às nossas relações com outras pessoas (tal como aquelas que Isadora herdou de sua prima), as roupas que guardamos apesar de não as usarmos mais também podem ser mantidas por sua eficácia em materializar nossos vínculos com outras pessoas, nos lembrando que, se as roupas guardadas servem para reconstruir uma história pessoal, essa história é sempre relacional:

Na minha formatura do meu Ensino Médio, foi a minha vó que fez o meu vestido, eu amo demais aquele vestido, acho que... muito por ter sido ela que fez né, então fiquei com carinho muito grande. A parte de cima do vestido foi feita da renda do vestido de casamento da minha madrinha, e ela

gostava muito daquela renda... e ela guardou, e quando eu me formei ela perguntou se eu queria, [...] e aí a minha vó incorporou na parte de cima do meu vestido, no corpete. (Isadora)

Embora esse vestido tenha sido usado por Isadora em sua formatura, esse evento ocupa um lugar secundário no seu relato sobre essa peça. Em vez disso, o foco da narrativa é a criação do vestido graças ao esforço conjunto da sua avó e da sua madrinha – é isso o que o torna especial. O vestido, costurado por sua avó utilizando a renda do traje de casamento da madrinha, lembra as colchas feitas com retalhos das roupas antigas dos membros de uma família, de que fala Stallybrass (2012), e tal como elas, ele não é nem um “criador de memória sobre o eu”, nem uma “testemunha para o eu”, mas, sim, uma materialização do vínculo afetivo entre Isadora e essas mulheres. Como aponta Lyon (1995), os símbolos adquirem poder, ou seja, são investidos de uma carga emocional e produzem emoções nas pessoas, não por serem fruto de histórias meramente individuais, mas por serem fruto de histórias relacionais.

Para finalizar essa discussão sobre por que algumas roupas são guardadas mesmo quando não são mais usadas, pode ser útil lembrarmos do que diz de Kopytoff (2008) sobre o impulso de singularização. Segundo o autor, no pensamento ocidental contemporâneo os objetos compõem o universo “natural” das mercadorias, enquanto as pessoas compõem o universo “natural” da individualização e da singularização. Mas essa polaridade é recente e, em termos culturais, excepcional, já que em muitas sociedades, as coisas não são consideradas inertes, mudas e genéricas, tornando sem sentido a dicotomia entre sujeito e objeto. Já nas sociedades capitalistas, as coisas tendem a se tornar mercadorias, e nesse processo que Marx chamou de “fetichização”, elas passam a ser definidas não por suas particularidades e história, mas por seu valor de troca abstrato.

Segundo Stallybrass (2012), o emprego do termo “fetiche” por Marx só pode ser irônico. O conceito de “fetiche” foi elaborado pelos europeus em um contexto colonialista, para demonizar o apego supostamente arbitrário de certos povos africanos aos objetos materiais que carregavam no seu corpo, e que possuíam poderes especiais. Em contraposição, o sujeito ocidental foi constituído através da denegação do objeto, pois supostamente teria reconhecido seu “verdadeiro valor” – isto é, seu valor de mercado. Fetichizar a mercadoria é esvaziá-la de seu caráter de coisa e de sua conexão com as relações materiais das quais ela é produto, transformando-a em mero valor de troca – é, portanto, “fetichizar o invisível, o imaterial, o suprassensível” (Stallybrass, 2012: 42). Por isso, a fetichização da mercadoria é exatamente o oposto da maneira como os europeus entendiam que os africanos fetichizavam seus objetos, de modo que, ao “atribuir a noção de fetiche à mercadoria, Marx ridicularizou uma sociedade que pensava que tinha ultrapassado a ‘mera’ adoração de objetos” (Stallybrass, 2012: 46).

Mas se o capitalismo tende a mercantilizar as coisas, homogeneizando-as, Kopytoff (2008) argumenta que nenhum objeto consegue ser puramente uma mercadoria – ou seja, algo definido apenas por seu valor de troca. A cultura e os indivíduos, em sua tendência a discriminar, classificar, comparar e sacralizar, agem no sentido oposto. Se o capitalismo enfatiza o potencial dos objetos enquanto valores de troca, “as pessoas, em contato diário com as coisas, experimentando *as* coisas e experimentando *com* as coisas através do tempo, as singularizam” (Espindola, 2021: 186).

Toda peça de vestuário se torna uma coisa singular através da relação que desenvolvemos com ela. Mas certas roupas, devido ao seu poder particular de condensar uma série de vínculos entre passado e presente, e entre o “eu” e os outros, materializando assim uma parte de nós mesmos e da nossa história, se tornam especialmente singulares, e em certa medida, sentimos sobre elas aquilo que Mauss (2003 [1925]: 219) falou sobre os colares e braceletes do Kula: “cada um tem seu nome, uma personalidade, uma história, até mesmo um romance”. Assim, as roupas, que em algum momento foram fetichizadas “à la europeia” (ou seja, enquanto valores de troca), são “refetichizadas”, agora de um modo diferente, que devolve sua qualidade de coisas particulares, vivas e amadas, e que ao borrarem a fronteira entre sujeito e objeto, tornam impensável nossa separação com elas. Através de nosso relacionamento com a roupa, ela se torna eficaz em materializar uma multiplicidade de vínculos, e dizer que ela se torna eficaz é dizer que ela se torna capaz de criar uma experiência específica (Maluf, 2012), que é esse poder de nos prender a elas.

Esse poder que certas roupas têm sobre nós fica particularmente evidente quando elas são perdidas:

À medida com que eu fui crescendo, eu tinha algumas roupas que tinham um valor emocional muito grande pra mim. [...] Então essas aí eu valorizava muito mais, inclusive eu já perdi algumas roupas por motivos aleatórios, e quando eu lembro disso me deixa com um sentimento de poxa, eu... por exemplo, teve uma jaqueta que eu comprei quando eu tinha 7 anos de idade, que ela... ela serviria em mim hoje [...]. Só que na época eu achei tão sensacional a roupa, que e eu falei “nossa, eu tenho que pegar isso aqui”. Implorei pra minha mãe comprar pra mim, e eu passei anos usando ela com o dobro do meu tamanho (risos), [...] até ela vestir e até eu perder ela (risos) por uma razão muito estúpida. E hoje eu sinto falta daquela roupa, só porque ela era muito, muito boa mesmo, muito legal, eu gostava muito dela. (Gustavo)

A jaqueta continua a exercer poder sobre Gustavo, mesmo que ela não esteja fisicamente presente. Ao longo dos anos, Gustavo foi literalmente crescendo dentro da jaqueta, mas quando ela finalmente serve nele, ele a perde. Perdê-la é perder uma coisa que conecta tão bem seu presente ao seu passado, uma coisa que na sua interação material com o corpo de Gustavo torna tangível seu crescimento e a passagem do tempo. “Por uma razão muito estúpida”, a jaqueta é perdida, e resta a Gustavo lembrar-se dela da maneira como ele a viu pela primeira vez: como uma jaqueta “sensacional”, que ele “implorou” para levar pra casa.

Através desse poder que a jaqueta ainda exerce sobre Gustavo, chegamos, por fim, ao último aspecto sobre a relação entre roupa e memória que abordaremos aqui. Trata-se da observação de que algumas roupas ficam guardadas na memória por muito tempo, apesar de sua ausência material. Cheryl Buckley (1998) e Alison Slater (2014), ao entrevistar mulheres idosas, observaram que, embora elas tivessem esquecido de muitas coisas, e frequentemente se confundissem sobre a ordem e a conexão entre os acontecimentos vividos, elas lembravam nitidamente de artigos específicos de vestuário, e podiam descrever minuciosamente sua textura, sua cor e seus detalhes. No que diz respeito às práticas da memória feminina durante o século XIX na França, Michelle Perrot vai em uma direção semelhante:

Uma mulher inscreve as circunstâncias de sua vida nos vestidos que ela usa, seus amores na cor de uma

echarpe ou na forma de um chapéu. Uma luva, um lenço são para ela relíquias das quais só ela sabe o preço. A monotonia dos anos se diferencia pela toaleta que fixa também a representação dos acontecimentos que fazem bater o coração: “Naquele dia eu usava...” ela diria. A memória das mulheres é trajada (Perrot, 1989: 14).

Perrot (1989) argumenta que as práticas da memória feminina estavam ligadas ao seu lugar em meio à família e à sociedade, e que por isso se direcionavam ao privado e ao íntimo. Frequentemente excluídas do mundo da escrita e do registro documental, elas muitas vezes recorriam ao “mundo das coisas” enquanto suporte material para suas lembranças. Assim, a memória das mulheres estaria particularmente ligada a uma memória sobre as roupas, porque o vestuário era um dos únicos meios considerados apropriados para a manifestação da sua individualidade.

Slater (2014) desenvolve essa ideia da “memória vestida” de forma a enfatizar a dimensão da materialidade. Para essas mulheres cujas lembranças começam a ficar nubladas, a recordação sobre a materialidade das roupas dá realidade às suas recordações. Certas peças, que tiveram um significado especial na época em que foram vestidas, insistem em permanecer na memória em detalhes, cores e texturas. Através da lembrança sobre a sensação que essas roupas provocavam sobre sua pele, e sobre a maneira como essas peças as faziam sentir, elas se lembram das experiências que viveram vestindo-as, e das pessoas, dos momentos e dos lugares que estão associados a elas. Assim, essas roupas condensam memórias que se tornam mais nítidas através da lembrança sobre a sua materialidade, apesar de que, enquanto objetos físicos, estão ausentes.

Nas entrevistas que realizei, também pude perceber que, muitas vezes, a narrativa sobre uma época da vida, uma experiência, uma relação, um lugar, se constrói ao redor de uma peça de roupa específica. O exemplo mais claro disso talvez seja o relato de Daniel sobre o seu primeiro tênis da Adidas:

Quando eu era criança, eu não tinha muito um senso do que era bonito, do que era feio. Eu sinto que teve uma fase de transição... [...] Porque assim, na quarta série eu mudei de escola. [...] E aí eu lembro, que quando eu entrei lá na quinta série, eu não tinha roupas de marca [...]. E eu levei um choque porque eu vi que todo mundo tinha alguma coisa da Adidas. Eu lembro que essa foi a minha transição. Eu fui numa loja aqui da minha cidade com a minha mãe, e comprei o meu primeiro tênis da Adidas, que... era unissex, mas eu lembro que eu via mais meninas usando, eu fiquei com medo de ser zoado. [...] Aí, eu sinto que quando eu comprei esse meu primeiro tênis da Adidas, essa primeira roupa de marca, acredito que tenha sido esse momento de transição, em que “meu, agora posso me vestir bem”, digamos assim. Só que eu acho que eu continuava usando roupas um pouquinho mais confortáveis, mais esportivas, mais adequadas de acordo com o que se espera de um menino numa cidade pequena. Aí com os meus catorze, quinze anos, começou minha adolescência mesmo... e Restart tava na moda, tinham várias modas. Enquanto os meninos continuaram se vestindo meio largados, eu sinto que eu e algumas amigas, a gente tava mais ligado às tendências da moda jovem. Então eu fazia chapinha, eu usava roupas coloridas e aí eu fui muito julgado, sofri muito bullying nessa época por causa disso... só que aí que tá o ponto né. Eu sinto que teve uma certa idade, em que... eu me permiti, assim, quando eu te contei sobre o meu primeiro tênis, era uma abertura bem pequena que eu sentia, era como se eu tivesse começando a descobrir o que eu gostava de vestir, o que eu queria vestir. Começou com um tenzinho da Adidas, foi pra mim, pelo menos, uma porta de entrada [...] pra eu ter um estilo legítimo. (Daniel)

O tênis foi comprado após o ingresso em uma escola onde todas as crianças tinham alguma coisa de marca. Assim, para Daniel, falar sobre ele é falar sobre o sentimento de exclusão e o desejo de se encaixar, e também significa falar sobre seu desconforto frente às normas de gênero, sua interação tensa com os outros meninos e o *bullying* que sofreu. A lembrança sobre o tênis condensa memórias sobre toda uma época da sua vida, e sobre os conflitos e sofrimentos vividos aí. Apesar de Daniel não ter guardado o seu primeiro tênis da Adidas, o tênis continua “guardado” em sua memória, e a lembrança sobre a sua materialidade (ausente) age de modo a comprovar e dar realidade aos conflitos vividos por ele. Assim, se para Lyon (1995) as emoções são criadas através de relações sociais, devemos incluir nesse campo nossas relações com os objetos e suas histórias.

A continuidade do poder da roupa apesar de sua ausência física também pode ser provocada pela maneira como a peça nos fazia sentir:

Quando eu era muito criança, eu gostava muito de coturno, eu lembro que a minha mãe tinha me dado um coturno da Angélica. E eu amava aquilo, achava muito massa, porque era uma bota preta, pesada. Eu me achava muito maneira com aquilo. Eu fazia tudo com aquilo. (Maria Clara)

O coturno de Maria Clara a fazia sentir-se “muito maneira”. De uma maneira um pouco diferente dos tênis de Eduardo, que através da fusão entre roupa e pessoa, lhe transmitia segurança ontológica, esse coturno possibilitava a Maria Clara sentir-se como a melhor versão dela mesma, uma versão um pouco mais ousada. É esse poder que o coturno tinha sobre ela no passado, que faz com que seu poder se perpetue em sua memória.

Por fim, podemos dizer ainda que, da mesma forma que o poder de certas roupas sobre nós torna trágico perdê-las, há também uma angústia na possibilidade de perder as memórias sobre as roupas:

Quando eu era criança, eu me vestia muito... livremente. A minha mãe sempre deixou a gente se vestir do jeito que a gente queria, tipo o nosso estilo, assim. [...] E tinha até uma bolsa amarela que eu, cara, eu não soltava nenhum segundo. Então as roupas eram muito mais o que eu gostava e [...] eu não me importava com o que as outras pessoas pensavam, sabe? Tinha uma jaqueta muito vermelha, e a minha irmã ficou me zoando porque parecia do Michael Jackson. [...] E agora na quarentena, a gente pegou umas fitas antigas pra ver, e cara, eu lembro de todas as roupas, sabe? E todas elas significavam muito pra mim, sabe? Toda hora que a gente via um vídeo, a gente ficava falando “mano! Essa roupa! Nossa, esse casaco! Eu adorava esse casaco!”. Então acho que antigamente eu tinha um apreço muito, muito grande pelas roupas, sabe? E eram completamente diferentes, assim, uma das outras, e tinha uma coisa de tipo... “essa é minha roupa”, sabe, acho que antigamente não tinha essa visão de roupa igual à das outras pessoas, modelo igual e tal. E eu vejo também que as roupas que eu uso hoje, são coisas que daqui a dez anos, ou talvez até menos, cinco, três anos, quando eu não usar mais elas, quando eu doar elas, ou jogar fora, sei lá, eu vejo que eu não vou reconhecer as roupas, sabe? Por exemplo, se eu passasse numa vitrine, e olhasse essa roupa, eu não reconheceria ela, não lembraria que eu já tive ela. [...] tu vê que tipo, já passaram uns

quinze anos desde o vídeo que eu vi essa semana, e eu ainda lembrava de usar exatamente aquela roupa, sabe? E quando a gente ia doar uma roupa ou jogar fora quando eu era pequena né, eu ficava surtando, porque eu gostava muito, eu tinha muito apreço, muito... carinho pelas roupas. Tem um vestidinho que eu lembro que cara... eu e a minha irmã somos gêmeas né, então ela tinha um igual ao meu [...]. Era um vestido rosa, muito diferente, muito criancinha. E nossa, eu adorava. Aí quando a gente jogou fora eu fiquei muito triste, muito triste. Eu fiquei com o sentimento de que cara, até quando eu estiver muito idosa, eu vou lembrar daquele vestido, sabe? Exatamente como ele é. Eu acredito que a memória que eu tenho das minhas roupas quando eu era pequena, são muito maiores do que as memórias das roupas que eu tenho hoje, sabe? E hoje também, eu acredito que as roupas que eu uso... são muito... sem significado, não são coisas que eu veja por ela... em si, mas sim... por como eu vou estar vestindo ela, o que as outras pessoas vão ver, quando me verem usando aquela roupa, e tal. Então acho que são roupas que passam batido entre as outras, sabe? Acho que é essa a palavra. Que passam... que não se percebem... que não ficam na memória guardadas, sabe? (Júlia)

Quando refletimos sobre o modo como Júlia lembra de suas roupas de criança, contrastando-as com suas roupas atuais, vemos que, através das lentes dessa experiência romântica, a infância é narrada como o lugar das singularização (Kopytoff, 2008) das roupas, enquanto o presente é narrado como o lugar onde a roupa é uma “presença fantasmagórica” (Woodward, 2005), imaterial, genérica e “sem significado”. Isso está expresso na sua declaração de que, quando criança, ela se relacionava com a roupa “em si”, enquanto hoje em dia se relaciona apenas com a imagem que a roupa passará para as outras pessoas. As roupas da infância que ficaram guardadas na sua memória existem enquanto objetos singulares – elas eram muito diferentes das roupas de todas as outras crianças: eram as “roupas dela”.

A bolsa amarela, a jaqueta vermelha e o vestido rosa permanecem na memória de Júlia pois são capazes de condensar o sentimento de liberdade que para ela está relacionado à infância. As suas lembranças sobre a materialidade dessas roupas, sobre a forma como se sentia ao usá-las, e sobre as anedotas que as envolvem, dão *realidade* à sua narrativa sobre a infância aos seus próprios olhos. O fato de que essas roupas permanecem tão reais e tão significativas na sua memória faz delas elementos a partir dos quais Júlia pode reconstruir sua própria história, conectando passado, presente, e futuro – pois ela acredita que o poder dessas roupas é tão forte, que ela se lembrará delas até quando estiver muito, muito idosa.

Jerome Bruner (2014: 96) nos diz que “é através da narrativa que nós criamos e recriamos a individualidade; que o eu é produto de nosso contar, e não uma essência a ser perscrutada nos recônditos da subjetividade”, e que por isso, “se nos faltar a capacidade de fabricar histórias sobre nós mesmos, não existirá uma coisa como a individualidade”. Se a memória é essencial à criação narrativa do “eu”, e se a memória sobre as roupas tem esse poder de condensar uma série de sentimentos, relações e experiências, e dar realidade à narrativa, parece ser, então, que o medo de Júlia de que suas roupas atuais não fiquem guardadas na memória é o medo de perder recursos valiosos na reconstrução que ela faz sobre sua própria vida.

## Considerações finais

Nesse artigo meu objetivo foi discutir diferentes aspectos da forma como nos relacionamos com as roupas, a partir de um trabalho de campo realizado com jovens de camadas médias. Na primeira seção, em oposição às perspectivas que enfatizam a liberdade de escolha, mostrei que as relações com as roupas são atravessadas por tensões, pois vestir-se é um investimento sério, que tem consequências marcantes para nossa autoimagem e para a forma como experimentamos a vida social. Abordei uma noção ampliada do “conforto”, relacionando-a ao modo como algumas roupas nos fazem sentir bem, quando são eficazes em externalizar nossa percepção sobre nossa identidade.

Nesse sentido, a percepção comum de que as roupas são objetos inertes é nuançada. Ao observar que as roupas provocam sensações de segurança e insegurança, conforto e ansiedade, empoderamento e vergonha, concluímos que elas têm poder, um poder relacionado à forma como contribuem para criar nossos corpos em performance no mundo social. Nesse ponto, começamos a entender também que a eficácia das roupas em provocar certos sentimentos está relacionada a uma variedade de fatores, entre os quais estão a forma como ela envolve nosso corpo, as imagens e lembranças que estão associadas a elas, e o modo como elas nos acompanharam ao longo da vida e demonstraram sua capacidade de nos fazer sentir “como nós mesmos” nas mais diversas situações. Essa permanência no decorrer do tempo, por sua vez, nos permite entender por que vestir certas peças e deixar outras de lado é uma forma de materializar a continuidade e a descontinuidade da nossa identidade.

Na segunda seção, procurei contrabalancear os enfoques excessivamente individualistas sobre a forma como as pessoas se relacionam com as roupas. Trazendo à tona as redes de sociabilidade ao redor das roupas, como a doação e o compartilhamento das peças, mostrei que as roupas ora marcam o espaço da singularidade, ora expressam e constroem vínculos sociais.

Observamos a existência de uma economia moral ao redor das roupas, que faz com que elas circulem entre amigos, familiares e desconhecidos. Assim, a percepção da roupa como bem de consumo individual e destinado ao descarte é relativizado. Isso nos permite pensar sobre como algumas roupas sobrevivem ao tempo, carregando em sua materialidade traços do antigo proprietário, e conectando-o ao seu novo dono. Especialmente no compartilhamento e transmissão de roupas entre amigos, namorados e familiares, entendemos que doar, receber e apropriar-se de roupas usadas é uma forma de tornar tangíveis vínculos afetivos, mostrar-se disposto a borrar a fronteira entre os corpos.

Na terceira seção, abordei algumas facetas da relação entre roupa e memória. As roupas que usamos evocam e trazem em sua própria materialidade lembranças do que vivemos com elas. Ao usá-las, damos continuidade ao ciclo, gerando novas experiências e novas recordações. Mesmo quando não as vestimos mais, podemos querer guardá-las, pois elas trazem à tona certas memórias e agem como testemunhas da nossa história.

Ao abriremos nosso guarda-roupa, nos deparamos com uma “paisagem multissensorial” (Cwerner, 2001: 88), onde cores, estampas, cheiros e texturas nos remetem a significados mais ou menos compartilhados e secretos, a momentos, pessoas e lugares. As roupas circulam para dentro e para fora do nosso armário, e após o terem deixado pela última vez, elas ainda assim podem ficar guardadas na

nossa memória, pois o poder do vínculo que sentimos em relação a elas pode se perpetuar para além de sua presença física. Assim, como coloca Stallybrass (2012), pensar sobre roupa significa verdadeiramente pensar sobre memória:

É apenas, acredito, num paradigma cartesiano e pós-cartesiano que a vida da matéria é relegada à lata de lixo do “meramente” – o mau fetiche que o adulto deixará para trás como uma coisa infantil, a fim de perseguir a vida da mente. Como se a consciência e a memória dissessem respeito a mentes e não a coisas, ou como se o real pudesse residir apenas na pureza das ideias e não na impureza permeada do material. (STALLYBRASS, 2012: 30)

Meu objetivo foi mostrar que quando esses jovens estão falando sobre as roupas que vestiram ao longo de suas vidas, eles estão falando também de suas relações com outras pessoas e de lembranças sobre experiências, períodos, lugares, conflitos, sentimentos bons e ruins. Falar sobre as roupas vestidas ao longo do tempo lhes permite costurar seu passado, seu presente e suas expectativas sobre o seu futuro. Eles se relacionam com suas roupas a partir de um engajamento corporal, emocional, sensorial, relacional e biográfico - embora em boa parte do tempo esse engajamento seja silencioso e irrefletido. O fato de que as roupas e as memórias sobre as roupas condensam em si uma série de relações faz com que falar sobre elas seja um caminho por meio do qual podemos interpretar retrospectivamente a nossa própria vida e o nosso lugar no mundo.

*Clara Calazans Espindola é Mestre em Sociologia e Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Santa Catarina.*

## REFERÊNCIAS

Espindola, C. (2021). *Falar sobre roupas e falar sobre si: um estudo sobre o lugar das roupas em narrativas de vida*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) – Centro de Filosofia e Ciências

Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis.

Espíndola, C. (2023). *Narrar uma vida em mensagens de voz: uma experiência de pesquisa através de áudios de WhatsApp*. In XIV Reunião de Antropologia do Mercosul: reconexões e desafios a partir do sul global. São Paulo: Síntese Eventos, p. 1-15.

Espíndola, C. & Bergamo, A. (2023). No armário da memória: contando histórias sobre roupas. *Plural (USP)*, v. 30, p. 175-195.

Banim, M., & Guy, A. (2001). Dis/continued selves: why do women keep clothes they no longer wear? In Guy, A., & Green, E., & Banim, M. (eds). *Through the wardrobe: women's relationship with their clothes*. Nova York: Berg.

Bergamo, A. (2007). *A experiência do status: roupa e moda na trama social*. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

Bergamo, A. (2009). As estampas da memória: aproximações e distanciamentos entre a memória e a história da moda. *Iara – Revista de Moda, Cultura e Arte*, 2(2), 62–84. [https://www1.sp.senac.br/hotsites/blogs/revistaiara/wp-content/uploads/2015/01/04\\_Iara\\_vol2\\_n2\\_Dossie.pdf](https://www1.sp.senac.br/hotsites/blogs/revistaiara/wp-content/uploads/2015/01/04_Iara_vol2_n2_Dossie.pdf)

Bourdieu, P. (2008 [1986]). A ilusão biográfica. In P. Bourdieu. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papyrus.

Bruner, J. (2014). A criação narrativa do eu. In Bruner, J. *Fabricando histórias: direito, literatura, vida*. São Paulo: Letra e Voz.

Buckley, C. (1998). On the margins: theorizing the history and significance of making and designing clothes at home. *Journal of Design History*, 11(2), 157–171. <https://doi.org/10.1093/jdh/11.2.157>

Crane, D. (2006). *A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas*. São Paulo: Editora Senac.

Cwerner, S. (2001). Sociology of the wardrobe. *Fashion Theory*, 5(1), 79–92. <https://doi.org/10.2752/136270401779045725>

Elias, N. (2001 [1969]). *A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte*. Rio de Janeiro: Zahar.

Fisher, T., & Woodward, S. (2014). Fashioning through materials: material culture, materiality and processes of materialization. *Critical Studies in Fashion and Beauty*, 5(1), 3–23. [http://dx.doi.org/10.1386/csfb.5.1.3\\_2](http://dx.doi.org/10.1386/csfb.5.1.3_2)

Giddens, A. (2002). *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

Goffman, E. (2011 [1967]). *Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face*. Petrópolis: Vozes.

- Harvey, J. (2003). *Homens de preto*. São Paulo: Editora UNESP.
- Kopytoff, I. (2008). A biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo. In A. Appadurai (ed.), *A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural*. (pp. 89-121). Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense.
- Lyon, M. (1995). Missing emotion: The limitations of cultural constructionism in the study of emotion. In *Cultural Anthropology*, 10(2), 244–263.
- Maluf, S. (2012). Eficácia simbólica: dilemas teóricos e desafios etnográficos. In F. Tavares & F. Bassi (eds), *Para além da eficácia simbólica: estudos em ritual, religião e saúde*. Salvador: EDUFBA.
- Mauss, M. (2003 [1925]). Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. (pp. 183-314). In M. Mauss. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify.
- Perrot, M. (1989). Práticas da memória feminina. *Revista Brasileira de História*, 9(18), 9–18. [https://www.anpuh.org/revistabrasileira/view?ID\\_REVISTA\\_BRASILEIRA=23](https://www.anpuh.org/revistabrasileira/view?ID_REVISTA_BRASILEIRA=23)
- Polhemus, T. (2016). No supermercado do estilo. *Contracampo*, 35(2), 7–12. <https://doi.org/10.22409/contracampo.v35i2.932>
- Pollak, M. (1992). Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, 5(10), 200–212. <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941>
- Rosenthal, G. (2014). História de vida vivenciada e história de vida narrada: a interrelação entre experiência, recordar e narrar. *Civitas*, 14(2), 227–249. <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2014.2.17116>
- Silvano, F., & Mezabarba, S. (2019). Encontros entre moda e antropologia: inícios, debates e perspectivas. in *Cadernos de Arte e Antropologia*, 8(1), 15–27. <https://doi.org/10.4000/cadernosaa.1869>
- Slater, A. (2014). Wearing in memory: materiality and oral histories of dress. *Critical Studies in Fashion and Beauty*, 5(1), 125–139. [https://doi.org/10.1386/csfb.5.1.125\\_1](https://doi.org/10.1386/csfb.5.1.125_1)
- Stallybrass, P. (2012). *O casaco de Marx: roupas, memória, dor*. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- Wilson, E. (2003). *Adorned in dreams: fashion and modernity*. Nova York: I. B. Tauris.
- Woodward, S. (2005). Looking good: feeling right - aesthetics of the self. In D. Miller & S. Küchler (eds). *Clothing as material culture*. Oxford: Berg.

**ROUPAS QUE FICAM GUARDADAS NA MEMÓRIA: SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE VESTIR, SENTIR, LEMBRAR E NARRAR**

**Resumo:** Este artigo discute a forma como as pessoas se relacionam com suas roupas, no cotidiano e na memória, a partir de entrevistas com 46 jovens. Primeiro, aborda-se o poder das roupas de provocar sentimentos de segurança e insegurança, decorrente da sua eficácia na externalização da percepção sobre nossa identidade. Em seguida, trazendo à tona as redes de sociabilidade ao redor das roupas, enfatiza-se que elas ora marcam o espaço da singularidade, ora expressam e constroem vínculos sociais. A capacidade das roupas de sobreviverem ao tempo, carregando marcas de seus donos, faz com que compartilhá-las seja uma forma de materializar vínculos afetivos, e mostrar-se disposto a borrar a fronteira entre os corpos. Por fim, aborda-se a capacidade das roupas de carregar e evocar lembranças, e se perpetuar na memória, de modo que falar sobre elas é um caminho por meio do qual podemos interpretar retrospectivamente nossa própria vida e identidade.

**Palavras-chave:** Antropologia dos objetos; roupas; memória; narrativa de vida; cultura material.

### **CLOTHES THAT ARE KEPT IN MEMORY: ON THE RELATIONS BETWEEN WEARING, FEELING, REMEMBERING AND TELLING**

**Abstract:** This paper discusses the relationships people develop with their clothes, in everyday life and in memory, using interviews with 46 people aged between 20 and 29. Initially, we approach the power of clothes in creating feelings of confidence and insecurity, that are related to their efficacy in the externalization of our perception about our identity. Subsequently, the sociability networks revolving around clothes are brought up to reveal the way clothes both mark our singularity, and express and create social ties. Clothes' capacity to survive time, carrying marks of their past owners, turns sharing them into a way to materialize social ties, and to be willing to blur the boundaries between bodies. In the third section, the discussion focuses on the ways clothes carry and evoke reminiscences, so that talking about them is a way of retrospectively interpreting our own life and identity.

**Keywords:** Anthropology; clothes; memory; life story; material culture.

### **ROPAS QUE SE GUARDAN EN LA MEMORIA: SOBRE LAS RELACIONES ENTRE VESTIRSE, SENTIR, RECORDAR Y NARRAR**

**Resumen:** Este artículo discute la relación que las personas desarrollan con sus ropas, en el cotidiano y en la memoria, basándose en entrevistas con 46 jóvenes entre 20 y 29 años. Primeramente, se aborda el poder de las ropas de producir sentimientos de seguridad e inseguridad, relacionado a su eficacia en la externalización de la percepción sobre nuestra identidad. Posteriormente, las redes de sociabilidad alrededor de las ropas son resaltadas para mostrar cómo ellas marcan la singularidad, pero también expresan y construyen nexos sociales. La capacidad de las ropas de sobrevivir al tiempo, cargando huellas de sus dueños, hace que compartirlas sea una manera de materializar vínculos afectivos, y mostrarse dispuesto a difuminar las fronteras entre los cuerpos. Finalmente, abordase la forma como las ropas cargan y evocan recuerdos, y se perpetúan en la memoria, así que hablar acerca de ellas es una manera de interpretar retrospectivamente nuestra vida e identidad.

**Palabras clave:** Antropología de los objetos; ropas; memoria; narrativa de vida; cultura material.

RECEBIDO: 12/07/2023

ACEITO: 05/06/2024

PUBLICADO: 01/10/2024



Este é um material publicado em acesso  
aberto sob a licença *Creative Commons*  
*BY-NC*